
Sonja Pöllabauer/Erich Prunè (org.). *Brücken bauen statt Barrieren. Sprach- und Kulturmittlung im sozialen, medizinischen und therapeutischen Bereich*. Graz: Institut für Translationswissenschaft – Universität Graz, 2003, 192 pp.

Trata-se da documentação de um ciclo de oito palestras sobre o trabalho de intérpretes em ambientes comunitários (prefeitura, hospital, escola, polícia etc.). Os autores relatam principalmente a situação na Áustria, muitas vezes, no entanto, eles incluem Alemanha e a Suíça, ou seja, as descrições valem *cum grano salis* para os países de língua alemã.

No prefácio (17-35), Sonja Pöllabauer constata sobretudo que o acesso dos migrantes, em grande parte refugiados políticos, a instituições sociais e comunitárias possui limitações por causa de barreiras lingüísticas. O resultado injusto desse obstáculo lingüístico é que aqueles que mais precisam de ajuda institucional menos a usufruem. Ao formular uma segunda hipótese, a autora talvez tenha encontrado a solução para essa segregação: atra-

vés de intérpretes com competências lingüísticas e culturais, pode-se aprimorar a comunicação entre pessoas de outras línguas e representantes de instituições austríacas.

Segundo a autora, em vários países europeus, a saúde de migrantes é mais susceptível a doenças que a saúde da população local. O artigo menciona brevemente a situação na Austrália, na Grã-Bretanha, nos Países Baixos, na Suécia e nos Estados Unidos, onde as medidas políticas de migração incluem a obrigatoriedade de intérpretes em ambientes comunitários (*community interpreters*). Pöllabauer critica o fato de que na Áustria e em países vizinhos ainda falta o tratamento profissional do assunto – não existe uma formação profissional específica, tampouco reconhecimento do trabalho do intérprete profissional.

A introdução do ensaio ganha plasticidade através de exemplos meio drásticos. Falando sobre interpretação empreendida por leigos, a autora cita Pöchhacker: “Thus we often have the anomaly of an abusive husband interpreting for the victim of his abuse, or an anxious ten-year old obliged to interpret to his mother the rationale and procedures for a frightening test the child must undergo.” (21) O exem-

plo torna óbvio uma posição que todos os autores defendem: interpretação é uma atividade complexa, e por isso requer uma abordagem profissional, pessoal experiente e, finalmente, com formação.

Sonja Pöllabauer deixa claro que existem contradições marcantes entre o direito de migrantes de serem tratados sem discriminação racial ou étnica, como consta do Conselho da União Européia, e a realidade social e política na Áustria. Deveria (!) ser a responsabilidade das instituições e administrações oferecer o mesmo serviço a todos; a infra-estrutura administrativa de municípios deveria (!) ser aberta para todos; na comunicação com migrantes os funcionários deveriam (!) se comportar de maneira profissional (e contratar intérpretes formados).

Na verdade, o livro oferece uma coletânea de trabalhos distribuídos em cinco seções: “Construir pontes – mediação lingüística e cultural”; “Psicoterapia e psiquiatria”; “Saúde”; “Crianças como intérpretes”; “Interpretação em situações de consultoria”.

Os pontos fortes do livro são constituídos pelos dois artigos da primeira seção: Elisabeth Katschnig-Fasch, professora de etnologia e antropologia da Universidade de Graz, sobre “Compreender – a pon-

te na época do neo-liberalismo” e Pebnem Bahadýr, professora assistente do Departamento de Tradução e Interpretação da Universidade de Istambul, sobre “Identidades múltiplas – Quem ou o que é uma turca? Chances e limites da mediação cultural”. Katschnig-Fasch trabalhou sobre o sofrimento social cotidiano: com base nos conceitos metodológicos e teóricos de Pierre Bourdieu (“A miséria do mundo”), tenta aplica-los à situação da cidade austríaca Graz. Bahadýr, em seguida, discute o conceito da identidade da intérprete na sua posição entre duas instâncias, como por exemplo, entre uma psicóloga alemã e uma paciente/cliente turca. Bastante elucidativas são suas reflexões sobre “o próprio” e “o outro” com base de um ensaio do filósofo alemão Georg Simmel de 1908 e a maneira como ela tenta definir as mudanças do conceito da identidade: “Hoje em dia, identidades são redes dinâmicas de filiações.” (69)

Além de conduzir reflexões sobre o assunto, o livro relata experiências práticas e oferece até dicas e regras para intérpretes em ambientes comunitários (90-91, 170-177).

Merece destaque o artigo da Ann Marie Reisinger sobre “Como aperfeiçoar a comunicação verbal e intercultural na área de saúde numa

sociedade com incremento de migração e diversidade cultural?” (127-140), trabalho que inclui uma sistematização dos vários papéis do intérprete em ambientes comunitários (135).

Muito inovadora é a idéia da “interpretação por telefone” recomendada para as situações nas quais o intérprete não pode estar presente no local de um encontro. Essa sugestão se estenderia também aos casos de caráter extremamente confidenciais.

Recomendo a leitura do artigo mais curto da coletânea: “Crianças como intérpretes” (143-148) do médico e psiquiatra Emir Kuljuh, que desaconselha com ênfase o emprego de crianças como intérpretes. Trata-se, contudo, de um relato sobre experiências mais genéricas (“muitas vezes”, “na maioria das vezes”, “normalmente”); o autor não apresenta provas nem números. Mesmo

assim, é fácil se deixar convencer pelos argumentos apresentados: sobre a inconveniência de se colocar uma criança interpretando a avaliação de um médico sobre o estado grave de um familiar para outro.

Os organizadores deste livro conseguiram compilar trabalhos sobre temas interessantes e articular uma exigência política que não se limita a um projeto ou desejo acadêmico, mas representa uma necessidade social: a profissionalização da atividade de interpretação em ambientes comunitários.

O livro contém várias bibliografias, sendo que a mais abrangente é aquela da introdução com aproximadamente 30 referências, um terço delas em inglês, o que pode ser via de regra mais acessível para os pesquisadores brasileiros, que normalmente lêem em inglês, mais que em alemão.

Werner Heidermann
UFSC